

LAVRADORAS SE REÚNEM EM ASSOCIAÇÕES PARA PRODUZIR BISCOITOS, DOCES, REFEIÇÕES E ARTESANATO COM O QUE TIRAM DO CAMPO. SOLIDARIEDADE MELHORA A VIDA NAS COMUNIDADES

Mulheres estão mudando a história do interior da Bahia

NIASSA JAMENA

Aneli Rodrigues de Oliveira, 58, é presidente e uma das fundadoras da Associação de Mulheres Camponesas de Caetitê. Com 33 anos de trabalho na entidade, diz o que levou as mulheres da zona rural do município, no sudoeste da Bahia, a criarem uma cooperativa própria. "Foi a morte de nossa companheira Maria de Azevedo, devido a conflitos de disputa de terra. Na hora em que ela tomou o tiro, estávamos somente nós duas. Ela estava grávida de quatro meses", conta Lira, como é chamada pelos amigos e companheiros de trabalho. Em homenagem à amiga que perdeu a vida, nasceu a Meurlyluta, marca dos produtos comercializados pela associação.

Assim como as companheiras de Maria de Caitité, outras mulheres da zona rural baiana estão transformando as dificuldades das regiões para buscar dias melhores. No estado, já existem dezenas de cooperativas femininas. Nesses grupos, que geralmente começam informais e, depois, são oficializados por programas governamentais de incentivo, muitas mulheres pobres do meio rural estão conseguindo gerar renda, exercer sua cidadania e ajudar suas comunidades.

Geridas com base no conceito de economia solidária, as associações de mulheres do campo produzem e comercializam os mais variados produtos - frutas, verduras e hortaliças, roupa, artesanato, biscoitos, doces, geleias e refeições. Devido à produção colaborativa e em pequena escala, integram o setor da agricultura familiar.

"Minha vida é um sonho. Eu que já trabalhei na diária do cacau, não tenho vergonha nenhuma de dizer, consegui meu teto para morar, que eu não tinha, e hoje ando com minhas próprias pernas". Quando perguntada sobre as mudanças que a Associação de Mulheres de Duas Barras do Fojo trouxe para a sua vida, D. Antônia Vicente, 43, ex-presidente do grupo, tem uma resposta imediata: "Mudou muita coisa. Se for contar tudo, vai levar é tempo", disse.

Duas Barras do Fojo é uma comunidade da zona rural de Mutuípe, na região centro sul da Bahia. Antônia e mais 15 colegas produzem chocolate natural com cacau, açúcar e leite. Também fazem tortas, ovos de páscoa, achocolatado, bombons e fornecem refeições para eventos. A agricultora



Revezamento na máquina de costura



Flor do Sertão teve stand na Fenagro

Fotos: Niassa Jamena e Divulgação



Renda da Associação de Milagres aumentou com sequilhos

"A mulher tem que trabalhar no campo, se sustentar. Nada de viver dependente de marido. Lugar de mulher é onde ela quer"

ANTÔNIA VICENTE, da Associação de Mulheres de Duas Barras do Fojo



afirma que o início não foi fácil. "Começamos fazendo chocolate em barra e, depois, passamos a fazer as bolinhas. No início, perdia uns, aproveitava outros, mas a gente tocou pau. Cada uma deu cinco, dez reais e, assim, nós fomos comprando os equipamentos e os materiais". O projeto foi iniciado em 2011, mas a produção mais efetiva começou neste ano, após a construção da sede. O chocolate é vendido na feira da cidade e de porta em porta. Toda a renda adquirida é dividida igualmente entre todas as associadas.

Cozinha comunitária

Assim como as trabalhadoras de Mutuípe, as mulheres da Meurlyluta se organizaram por conta própria e trabalham com cozinha comunitária. Atualmente, são 200 associadas. Fabricam doces, compotas, licores e geleias de frutas como acerola, umbu, goiaba e jabuticaba. Começaram em 2000. Quinze anos depois, inauguraram a cozinha peda-

gógica doada por uma empresa de energia eólica. Seus produtos são vendidos na lanchonete Meurlyluta, na BR-030, nos mercadinhos de Caetitê, em feiras e facultades.

Além das atividades da associação, Lira trabalha na Secretaria Municipal de Agricultura. "Consegui esse emprego por causa do trabalho que desenvolvo lá na associação. Ainda tenho uma roça onde eu planto mandioca, feijão e frutas para consumo próprio", conta.

A Associação do Movimento de Mulheres de Caitité coordena projetos como o Semente Crioula, a Associação dos Apicultores do Município de Caetitê e o trabalho com comunidades quilombolas. "A maioria das mulheres tem prazer em participar do movimento. A gente se sente bem. Antes, elas só sabiam pedir ou chorar. Agora, elas conseguem ter outras oportunidades", afirma Lira, em tom de mulher ativista.

TERRA

A TARDE

DOM SALVADOR 20/12/2015

3

Assessoria para a compra de maquinário e de um carro

Das quatro associações femininas contatadas, duas foram iniciadas pelas próprias mulheres da comunidade e duas foram organizadas por instituições de capacitação técnica. As produtoras de chocolate de Duas Barras do Fojo recebem assessoria técnica da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), organização sem fins lucrativos que elabora projetos de desenvolvimento econômico para agricultores familiares e desenvolve trabalho específico com grupo de mulheres rurais. O objetivo é otimizar a produção. "Trabalhamos com 14 grupos de mulheres entre os territórios do Baixo Sul e do Vale do Jiquiriçá. Eles não recebem verba, só a assessoria", afirma Joelma Cunha, coordenadora da Fase Bahia. Com o apoio da entidade, D. Antônia e suas colaboradoras esperam assim a verba para construir a fábrica e comprar o maquinário e o carro para transportar os produtos da zona rural para a cidade de Mutuípe. "Já a Meurlyluta não conta com nenhum financiamento do governo.



Valdirene: doces de Duas Barras do Fojo

Elas estão sempre prontas para enfrentar as dificuldades

Apesar dos ganhos, as associações femininas rurais enfrentam dificuldades para tocar as suas produções. Como são baseadas na economia solidária, ou seja, não há patrões e empregados, o lucro, muitas vezes incipiente, tem que ser dividido entre todas e, por isso, ainda é difícil viver só do trabalho nas associações, até porque a maioria trabalha de acordo com a demanda. Todas as mulheres têm outra fonte de renda – a maioria é agricultora –, e grande parte das lideranças não sabe mensurar o faturamento mensal das instituições. Em geral, as sedes são construídas por mutirão e com dinheiro conseguido em eventos ou com as próprias integrantes do grupo. Algumas trabalham em locais emprestados e sem estrutura. "Ainda não conseguimos tirar nada para a gente. O que ganhamos vai para a construção do nosso galpão", diz D. Marina, líder das costureiras de Santo Antônio.

288
dos 417 municípios baianos não cumpriram a lei que prevê a aquisição de 30% dos alimentos da merenda escolar com agricultores familiares, em 2014. Os dados são do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)

Flores do sertão desabrocham

A Associação de Mulheres Flor do Sertão foi criada por causa de D. Marina de Andrade. Dentre as opções que suas integrantes tinham, escolheram corte e costura porque a fundadora trabalhava no ramo. "Fui ensinando por grupos, e as meninas interessadas aprenderam rapidamente. As que ainda não costumam fazer trabalhos como tirar linha, vender e embalar", diz a fundadora.

A costureira de 47 anos é presidente da jovem instituição formada por 16 mulheres, localizada na comunidade de Santo Antônio, zona rural da cidade de Barra do Mendes, centro-norte da Bahia. O projeto da Flor do Sertão foi elaborado em 2013, mas o funcionamento começou em março deste ano. Elas confeccionam uniforme escolar, camisa de festa, camisola, camisa de time de futebol, e também artesanato, como jogo de ba-

nheiro e pano de prato.

Dona Marina deixou o emprego de costureira para se juntar à associação. Mãe de três filhos, um rapaz de 26 e duas adolescentes de 17 e de 18 anos, ela ensina e supervisiona o trabalho "das meninas", como ela gosta de chamar, durante oito turnos. "São oito de manhã e oito de tarde, porque não tem máquina suficiente para todas". As mulheres de

Santo Antônio obtiveram recursos do Programa de Fomento do governo federal, que visa a inclusão social de agricultores familiares e comunidades tradicionais em situação de extrema pobreza. Através da assistência técnica e extensão rural voltada para mulheres, o projeto Ater Mulher, cada uma recebeu R\$ 2,4 mil – em duas parcelas disponibilizadas no cartão do Bolsa Família – para comprar maquinário e matéria-prima.

Geração de renda

Os impactos econômico e social das associações pela existência das associações são sentidas nas comunidades onde elas estão instaladas. "Há geração de renda e fortalecimento na economia local e regional. Na cozinha, elas conseguem boa parte dos ingredientes nos seus quintais produtivos e nas comunidades vizinhas. Dos

produtos derivados da mandioca, boa parte vem da comunidade. Já no artesanato e corte e costura, elas compram o tecido na cidade e produtos como palhas de árvores nativas são encontrados nas roças delas ou dos vizinhos", afirma Sirleide Sodré, técnica do CAA.

"Por meio da associação, nossa comunidade entrou no projeto Cisternas para Todos, que a gente lutava e não conseguia. O lugar passou a ser mais conhecido, vai mais gente lá para fazer encomenda. Até a renda de quem tem um mercadinho, de quem vende um pastel, melhorou. De certa maneira, estamos gerando renda para a comunidade" fala, confiante, D. Marina. As associações mudaram suas regiões, inclusive na questão de saúde pública, a partir da melhora da alimentação oferecida em suas cidades.

16

mulheres de Santo Antônio, na zona rural de Barra do Mendes, fizeram curso no programa de inclusão social de agricultores familiares do governo federal.



Zilda é chefe de cozinha comunitária